

A FORMAÇÃO DOCENTE E O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PARA TODOS: ENTRELAÇOS (DES)NECESSÁRIOS

Débora Accioly Dionísio¹
Homero Dionísio da Silva²
Prof. Dr. Valdemarin Coelho Gomes³

RESUMO

Alguns importantes autores assinalam que vivemos sob os ditames de uma crise estrutural do capital. Mészáros (2002) aponta para a maior característica desta crise sem precedentes: coisificação e mercantilização da humanidade. Essa crise, segundo Tonet (2005) recai também sobre a educação, numa tentativa de reduzir o caráter emancipador que a educação deveria ter, a uma prestação de serviço e reprodução da lógica capitalista. Nesse contexto, surge o Movimento de Educação Para Todos, uma das esferas das Metas do Milênio, configurando-se num pacto pró-educação funcional vislumbrado por organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas para a Ciência, a Cultura e a Educação e o Banco Mundial. Em 1990, na Tailândia, surge a proposta de universalização da educação, num aclame a uma “educação do futuro”, baseada na renovação dos sistemas educacionais, agora introduzidos no intenso mundo globalizado. Deste modo, é no papel do professor – visto como central nessas transformações – que a responsabilidade de adequação educacional decai. Podemos observar, após mapeamento de diversos autores, como Mendes Segundo (2009), Jimenez (2008), Gomes (2009), dentre outros, que as diretrizes desse movimento são percebidos em documentos oficiais no âmbito educacional e encontramos tais atrelamentos nos Projetos Políticos Pedagógicos de alguns cursos de Licenciatura da Universidade Federal da Paraíba, os quais passam a introduzir a necessidade da criação de “habilidades e competências” em si e em seus alunos, preparando uma mão-de-obra qualificada e adequada ao rápido e intenso motor da nova sociedade, dita do conhecimento. É no papel desse educador que esse estudo buscou se debruçar.

Palavras-Chaves: Mercantilização da Educação; Movimento de Educação Para Todos; Formação e Prática Docente.

ABSTRACT

Some important authors point out that we live under the dictates of a structural crisis of capital. Mészáros (2002) points to the greatest feature of this unprecedented crisis: objectification and commodification of humanity. This crisis, according Tonet (2005) also falls on education in an attempt to reduce the emancipatory character that education should be the one providing service and reproduction of capitalist logic. In this context

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará; Integrante do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO)

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Integrante do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO)

³ Prof. Dr. Do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Ceará; professor-colaborador do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO).

arises the Movement for Education for All, one of the spheres of the Millennium Goals, setting up a functional pro-education pact envisioned by international bodies like the United Nations for Science, Culture and Education and the Bank world. In 1990, Thailand's proposal for universal education, acclaim in the "education of the future" based on the removal of educational systems now introduced in intense globalized world arises. Thus, the role of the teacher is - seen as central in these transformations - that the responsibility of educational adequacy decays. We observed, after mapping several authors, as Mendes Segundo (2009), Jimenez (2008), Gomes (2009), among others, that the guidelines of this movement are perceived in official documents in the educational field and found such attachment in Political Pedagogical Project some undergraduate courses at the Federal University of Paraíba, which start to introduce the necessity of creating "skills and abilities" itself and its students, preparing a skilled labor and suitable for rapid and intense new engine society dictates of knowledge. It is the role of the educator that this study sought to address.

Key Words: Commodification of Education; Education for All Movement; Training and Educational Practice.

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido acerca da “formação docente”, em especial pós década de 90, momento crucial para a educação e, em especial, para a docência no Brasil e no mundo. Meszáros (2002), filósofo húngaro, tenta mapear o momento gerador da crise capitalista pela qual estamos permeados, para ele, esta data seria 1970 e a crise seria sem precedentes, e estrutural, visto que teria rebatimentos em todos os complexos sociais e em toda forma de sociabilidade humana. Nas palavras de Meszáros (idem):

simultaneamente, algumas das instituições mais fundamentais da sociedade são atingidas por uma crise nunca antes sequer imaginada. [...] a **crise estrutural** da educação tem estado em evidência há já um número de anos nada desprezível. E aprofunda-se a cada dia, ainda que esta intensificação não assuma a forma de confrontações espetaculares.(p. 37, grifos nossos)

E o que significaria ter a educação submersa numa crise estrutural de cunho (re)produtivista da lógica e ideológica capitalista? Significa precisamente que a educação se torna um dos pilares de sustentação da apropriação do Capital para a sua manutenção e sobrevivência, isto é, da sua reprodução. Uma das principais características do sistema capitalista se dá em sua mercantilização, num processo denominado por Lukács (2012) como coisificação, processo através do qual tudo é rebaixado à condição de mercadoria, inclusive o homem e suas próprias relações.

É possível percebermos que essa concepção do caráter mercantil ser próprio da natureza da sociedade, só aconteceu a partir da estabilidade do sistema capitalista, na qual o trabalho torna-se elemento “nucleador” da sociedade, mas numa substituição clara do valor-de-uso pelo valor-de-troca. Não se pode confundir o trabalho como o gerador dessa forma de troca, já que vai de encontro com o sentido da sua fundação: o de gerador de necessidades humanas e meio de satisfação das mesmas. Tonet (2005) lança dois pressupostos para essa mercantilização no complexo da educação:

O primeiro é de que o caráter mercantil da sociedade é algo que faz parte da sua própria natureza. Variariam as formas, mas a troca é tida como algo tão natural como a respiração. (...) o segundo é de que a função essencial da educação é a de preparar os indivíduos para o trabalho (p.2)

Ora, se a educação surge, num primeiro momento, como mediação do indivíduo com as construções históricas e culturais produzidas pela humanidade, é perceptível o quanto seu caráter foi subvertido para reprodução da lógica capitalista. E essa crise educacional se dá em três aspectos, segundo Tonet (2009): constatando que a forma anterior de educação é inadequada para a nova realidade – em especial às demandas do novo padrão de produção –; com a busca incessante de alternativas para esta situação e consolidando a impressão, cada vez mais forte, de um caráter mercantil a esta atividade.

É nesse contexto que, em 1990, surge o Movimento de Educação Para Todos, com o princípio básico de universalizar a educação – a pergunta é: qual educação? Para quem? – e torna-la a bandeira de mudanças sociais da suposta equidade humana numa adequação a “sociedade do conhecimento”. Esse Movimento, iniciado numa Conferência Mundial de Educação, na Tailândia, lança metas e protoformas educacionais a serem absorvidas, em especial, pelos países do dito capitalismo periférico e isto se dá na forma de um Relatório, denominado Educação: um tesouro a descobrir, o qual, segundo Jimenez e Gomes (2008):

o Relatório Educação: um tesouro a descobrir, o qual busca traduzir os princípios pedagógicos, bem como especificar os problemas e as soluções apontadas naquela Conferência. (...) a Comissão assinala as bases e os fundamentos que devem guiar a pedagogia que responderá adequadamente aos problemas presentes e futuros (JIMENEZ e GOMES, Pág. 7)

É importante constatarmos que é nessa época que a educação é assumida pelo Bando Mundial e por outros diversos organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas para a Ciência, Cultura e Educação (UNESCO), o que já pressupõe o porquê da educação ser vista como porta de acesso ao mundo do emprego e por possuir a função de eliminar as mazelas sociais.

Atribuir à educação a cura de todas as mazelas sociais nas quais estão submergidos os seres humanos amputados de conhecimento é partir do princípio que a mesma servirá como luvas ao sistema do Capital e à sua manutenção, já que segundo TONET (2005) a educação seria o complexo social advindo do trabalho que atua diretamente na formação da consciência. Com esse intuito – de mercantilização – o Capital, segundo MORATO (2004)

vem adequando a educação às exigências do novo padrão de produção, que requer um outro tipo de formação, ou seja, uma formação polivalente; onde o trabalhador seja capaz de realizar diversas funções com dinamismo, empreendedorismo, espírito de iniciativa e alta qualificação técnica. (p.103)

Com isso está instalada a busca incansável pela reformulação do sistema educacional, em especial do “educador”, já que o Movimento propõe que eles passem a ter como preocupação central produzir nos alunos “competências e habilidades” que possibilitem sua adaptação à incerta conjuntura que vem se intensificando desde o último século e que tende a se ampliar no nascente milênio. Assim, sobretudo para o professor, tornou-se quase obrigatório dar conta de requisitos para os quais, muitas vezes, não fora preparado. Se cabe a educação transformar o mundo, cabe ao professor transformar o ser.

METODOLOGIA

Tomando tal cenário como suporte às nossas análises, partimos do pressuposto que a atual conjuntura capitalista exige da educação um papel idealizante, preparatório para uma política de mercado que necessita de mão-de-obra qualificada, refazendo a relação trabalho-educação, reduzindo o papel educativo às necessidades reprodutivas do sistema, em detrimento de uma educação que vise à emancipação humana, o que também encontramos em Mészáros (2002) “as classes dominantes impõem uma educação para o trabalho alienante, com o objetivo de manter o homem dominado” e,

ainda, segundo Duarte apud CARVALHO (2006) que

para a reprodução do capital torna-se hoje necessária uma educação que forma os trabalhadores segundo os novos padrões de exploração do trabalho. Ao mesmo tempo, há a necessidade, no plano ideológico, de limitar as expectativas dos trabalhadores em termos de socialização do conhecimento pela escola, difundindo a ideia de que o mais importante a ser adquirido, por meio da educação, não é o conhecimento, mas sim a capacidade de constante adaptação às mudanças no sistema produtivo. (p. 9)

Nesse contexto, buscamos, através de um estudo crítico, verificar a influência do projeto reformista do capital para a educação e, sobretudo, para a formação docente, dentro da Instituição de Ensino Superior, a Universidade Federal da Paraíba, ainda em andamento, analisamos o Projeto Político Pedagógico da Universidade Federal da Paraíba e elencamos 05 cursos de Licenciatura para o exame concreto dessa formação docente seguindo os parâmetros regidos pelos organismos internacionais, considerado o contexto das relações entre trabalho e educação, avaliando os riscos do atrelamento da formação e da prática docente aos interesses do mercado, embutidos nas propostas pedagógicas arbitradas pelo Projeto de Educação para Todos. O Relatório Jacques Delors define o que seria, a seu ver, tarefa dos professores: “fazer da escola um lugar mais atraente para os alunos e fornecer-lhes as chaves de uma compreensão verdadeira sociedade da informação” (DELORS, p.154).

A UFPB não foge da lógica dessa percepção, o que é fácil de averiguar em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (2005-2008) a aceitação da existência de uma nova situação mundial editada nos preceitos da “sociedade da informação”:

O conjunto de mudanças ocorridas nas sociedades ocidentais capitalistas, nas últimas décadas, configura uma nova condição histórica a essa sociedade, que passam a ser identificadas como sociedades pós-industriais ou pós-modernas. Essa nova condição histórica assinala uma nova relação com o conhecimento, sobretudo pelos avanços no campo das tecnologias da informação e da comunicação. As mudanças em curso envolvem a compreensão das agências de formação, da extrema provisoriedade dos conhecimentos em nosso tempo, da ruptura de barreiras entre as diferentes áreas do conhecimento, de novas formas de sua utilização, da valorização da diferença, das múltiplas formas de sentir e aperceber-se da realidade e, sobretudo, da necessidade de um maior estreitamento do vínculo entre pesquisa-ensino-extensão que dá sentido a educação superior⁴

⁴ Disponível em: [HTTP://www.ufpb.br/avalies/pdi_2005_2008.pdf](http://www.ufpb.br/avalies/pdi_2005_2008.pdf) (pp. 32-33)

Também encontramos, no PPP do curso de Pedagogia, a seguinte passagem:

Partimos do entendimento de que a Universidade, inserida nesse novo cenário social em que a principal característica é o acúmulo da informação, é formadora de parte razoável de pesquisadores e profissionais que integram as instituições e o mercado de trabalho.

Ou ainda:

O papel da Universidade, relacionado à formação profissional, necessita, portanto, de uma redefinição que possibilite acompanhar a sociedade e que defina os contornos do exercício profissional contemporâneo, entendendo a formação em nível superior como tarefa que se realiza ao mesmo tempo em que acontece as inovações

É totalmente palpável a relação entre a tentativa de atrelamento do complexo educacional à “sociedade do conhecimento” e de suas necessidades urgentes. O que ela precisa é de mão-de-obra minimamente especializada, que tenha competência e capacidade, além da habilidade (ambos princípios regulamentados nos Relatórios) de exercer sua função dentro do processo de produção moderno.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Pode ser considerado real o atrelamento da intencionalidade mercadológica e homeopática da educação no contexto do capitalismo, materializado nos documentos oficiais, e a sua conjuntura de formação docente. Nada mais fácil de verificação do que obter, nos próprios projetos políticos pedagógicos, essas relações de forma alguma maquiadas ou escondidas. Percebe-se que o Capital precisa de uma mola propulsora ideológica e que a educação tem cumprido esse papel, deixando de lado seu objeto inicial, qual seja: mediar o processo de apropriação do conhecimento.

As unidades responsáveis pelos novos docentes que entrarão nos espaços escolares, assinam um compromisso milenar com o protótipo da educação centrada no preparo de uma mão-de-obra minimamente qualificada, polivalente e alienada, quando assumem uma postura mercadológica em seu preparo genuíno. Não é do interesse do Capital uma educação crítica e emancipadora, ao contrário, reduz-se o papel desta a

mera conciliatória entre uma sociedade com poucas oportunidades para todos e que devem depositar nos estudos as esperanças de dias melhores, num discurso meritocrático absurdo e alheio à realidade concreta.

Se cabe a educação a salvação do mundo, cabe ao professor ser o carro-chefe dessa transformação, criando no indivíduo traços de autonomia e de capacidade de sobrevivência num mundo devastado pela competição e pela desumanização, onde pessoas viram números e problemas viram estatísticas. Cabe ao professor profanar ideais de igualdade, fraternidade e liberdade, num discurso falacioso que ludibria e esconde a verdadeira realidade por detrás de um quadro negro de injustiças e desigualdades.

É esse entrelaçamento que é possível perceber em documentos que “gerem” o processo da formação de professores. Formemos profissionais que consigam formar outros indivíduos na lógica do capital humano, da transformação individual do mundo e da própria realidade. Formemos mão-de-obra capaz de rápida e intensa adaptação, provando que o darwinismo capitalista faz algum sentido num mundo de faz de conta.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

CHAGAS, Eduardo F. **O método dialético de Marx: investigação e exposição do objeto**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/57446443/O-METODO-DIALETICO-DE-MARX-1-1>. Acesso em setembro de 2011.

COGGIOLA, Oswaldo. **Universidade e ciência na crise global**. São Paulo: Xamã. 2001

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez. 1998.

JIMENEZ, Susana; SOUSA, Nágela. SOBRAL, Karina. **O Movimento de Educação para Todos e a crítica marxista: notas sobre o Marco de Ação de Dacar**. Revista Eletrônica Arma da Crítica, Ano 1, Número 1 Janeiro, 2009.

LESSA, Sérgio. **Trabalho e Luta de Classes na “sociedade do conhecimento”**. Disponível em: http://sergiolessa.com/CapLivros08_09/trablutaclass_2008.pdf.pdf. Acesso em: Setembro de 2013.

LOWY, Michael. **Método dialético e teoria política**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979

LUXEMBRUGO, Rosa. Socialismo ou Barbárie?
[http://www.rls.org.br/sites/default/files/\(9\)%20Socialismo%20ou%20barb%C3%A1rie.pdf](http://www.rls.org.br/sites/default/files/(9)%20Socialismo%20ou%20barb%C3%A1rie.pdf).

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Lisboa, Edições 70, 1995.

_____. **O Capital**. Livro I. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas)

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. Trad. Paulo Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

_____. **A crise estrutural do Capital**. Disponível em: http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/04/out4_02.pdf. Acesso em agosto de 2010.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo e barbárie contemporânea**. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/argumentum/article/viewFile/2028/2717>. Acesso em: Agosto, 2013.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha das técnicas algumas reflexões**. In: Reflexões sobre a pesquisa metodológica, São Paulo, 1992

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí. RS, Editora Unijuí, 2005.

_____. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2005.

Lessa, S. **A Ontologia de Lukács**, Ed. Edufal, 1996.

Mészáros, I. **Para além do capital**, Boitempo, São Paulo, 2002.

Paniago, C. (2007) **Mészáros e a incontrollabilidade do capital**. EDUFAL, Maceió.

MENDES SEGUNDO, Maria das Dores. **Educação para todos: a política dos organismos internacionais**, In: JIMENES, S. et al. Contra o pragmatismo e a favor da filosofia da práxis: uma coletânea de estudos classistas. Fortaleza: EDUECE, 2007.

BERTOLDO, Edna. **Trabalho e educação no Brasil: da centralidade do trabalho à centralidade da política**. Maceió: EDUFAL, 2009.

BERTOLDO, Edna. **Trabalho e educação no Brasil: da centralidade do trabalho à centralidade da política**. Maceió: EDUFAL, 2009.

MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

NAÇÕES UNIDAS. **Declaração do Milênio**. Cúpula do Milênio. Nova Iorque, 2000 Published by United Nations Information Centre: Lisbon, 2000. Disponível em: <virtual1.pucminas.br/idhs/site/MDM/Declaração do_Milenio A RES 55- 2 final.>. Acesso em: janeiro. 2013.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA - Unesco. **Declaração Mundial sobre Educação Para Todos (Conferência de Jomtien)**. Tailândia: Unesco, 1990. Disponível em: <www.unesco.org.br/publicação/doc- internacionais>. Acesso em: janeiro. 2013.

_____. **A Declaração de Nova Delhi sobre Educação Para Todos**, Nova Delhi- Índia: Unesco, 1993b. Disponível em: <www.unesco.org.br/publica/Doc_Internacionais/declaraNdelhi>. Acesso em: janeiro.2013.

_____. **O Marco de Ação de Dakar Educação Para Todos**: atendendo nossos Compromissos Coletivos. Dakar, Senegal: Cúpula Mundial de Educação, 2000. Disponível em: <www.unesco.org.br/publicação/docinternacionais/marcoDakar>. Acesso em: janeiro.2013

JIMENEZ, S. V.e MENDES SEGUNDO. M. D. Erradicar a pobreza e reproduzir o capital: Notas críticas sobre as diretrizes para a educação do novo milênio. **Cadernos de Educação**. Pelotas, FAE/PPGE/UFPEL, n.28, p. 119 – 137, Jan-Jun. 2007.

LEHER, R. **Da Ideologia do Desenvolvimento à Ideologia da Globalização**: a educação como estratégia do Banco Mundial para o “alívio” da pobreza. 1998. 267f. Tese (doutorado). USP. São Paulo, SP.

LESSA, Sérgio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. Ijuí: Ed. Unijui, 2007.

_____. **O mundo dos homens**. 1.^a ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

LUKÁCS, Georg. Il Lavoro. In: **Per una Ontologia dell'essere sociale**. Roma: Riuniti, 1981a, p. 11-131. (Tradução Mimeogr. de Ivo Tonet, 145p.).

MARX, **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. 5^a Ed. São Paulo: Cortez, 2009

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Trad. Isa Tavares. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.